

CANDOMBLÉ E SAÚDE: BREVE ANÁLISE SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE

**Keith Emanuelle Matias Regis
Carmélia Aparecida Silva Miranda**

INTRODUÇÃO

Esse trabalho parte das necessidades e demandas percebidas no cotidiano de trabalho em instituições de saúde e em terreiros de candomblé, assim como da vontade de realizar um trabalho que construa um novo lugar para a população negra na educação e na saúde, tendo como referência os povos de terreiro. O modelo hegemônico na área de saúde, reproduz uma proposta de saúde curativista, eurocêntrica e fragmentada, que não tem garantido o cuidado e as condições de saúde para a população, especificamente para a população negra, além de se apresentar como um espaço de manutenção de estruturas opressoras e discriminatórias. As últimas pesquisas na área de saúde (BRASIL, 2016), tendo como indicador a cor e raça, apontam que a população negra é a mais afetada quanto aos índices de mortalidade materna e infantil, o uso abusivo de álcool e outros tipos de drogas, sofrimento psíquico, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros. Além disso, há também, escassez de registros sobre a implementação de políticas de saúde e o desenvolvimento de práticas específicas, voltadas para a correção dos problemas mais prevalentes nessa população e suas manifestações.

O que observamos na atualidade, é a necessidade de mudança nos conteúdos e conhecimentos teóricos, de modo a colocar no centro da discussão, a filosofia e os modos de vida do povo africano e da diáspora, tomando como referência o processo histórico afro-brasileiro para que se possa compreender as condições de saúde dessa população, bem como incentivar a criação de estratégias que desconstruam as estruturas coloniais e racistas que impõe péssimas condições de vida e saúde para a população negra.

Essa mudança, deve sobretudo, promover uma articulação entre saúde e educação, para que as produções elaboradas no ensino superior possam contribuir com a formação de profissionais capazes de pensar as especificidades da população, bem como os serviços de saúde, em seu processo de reflexão, planejamento e desenvolvimento de práticas coerentes com a diversidade multicultural existente, promovendo assim mudanças nas condições de vida das pessoas.

Diante dessa situação, surgem alguns questionamentos, que estão diretamente relacionados a saúde, sobre a equidade do cuidado e acesso da população negra aos sistemas de saúde levando em consideração as suas condições sociais, históricas e culturais e como esses conteúdos são trabalhados no contexto escolar. De que maneira as teorias e os conhecimentos produzidos nas instituições de pesquisa e ensino levam em consideração as experiências e saberes da população negra? Que referências precisamos resgatar para que seja possível direcionar um novo olhar para as condições de saúde da população negra? Quais são as estratégias determinantes de mudança das estruturas que produzem processos de adoecimento para população em estudo? De que forma as experiências educativas podem contribuir para a garantia de saúde da população negra?

Compreendo, que para responder a essas perguntas, é indispensável tomar como referência o princípio filosófico do *adinkra Sankofa*, que nos ensina sobre a importância de olhar para o passado, para conseguir compreender o presente e caminhar para o futuro. Nesse aspecto, nos indica a necessidade de retomar nossa história e nossa cultura, e nos aproximar de comunidades, como quilombos, terreiros, associações, periferias, comunidades camponesas, entre outros, que através de muita resistência e luta mantiveram viva a nossa herança africana e afro-brasileira. Através da (re)criação e adaptação dos saberes e práticas, conseguiram manter muitos princípios filosóficos, ontológicos e epistemológicos, sem desvincular de sua matriz, através de experiências vividas individualmente e vivências coletivas transmitidas pela ancestralidade.

Pensar sobre essa perspectiva, conduzirá a uma nova formulação teórica, que exige distanciamento da supremacia branca e suas teorias universalistas e racistas. Para Elisa Nascimento (2009) para inovação teórica, deve-se levar em consideração três componentes nas pesquisas desenvolvidas no Brasil, 1) considerar que a cultura ocidental possui características específicas, e que estão longe de se firmar como universal, mesmo que haja inúmeras tentativas para isso, 2) a valorização do ser humano não ocidental como protagonista de sua história, e 3) o reconhecimento e a valorização da especificidade da cultura não ocidental.

Essas serão, portanto, as indicações que conduzirão as escolhas metodológicas, teóricas e epistemológicas desse trabalho, uma vez que se pretende produzir conhecimentos que tragam benefícios para nosso povo, tanto no que diz respeito a produção de práticas descolonizadoras e emancipatórias, quanto possibilitar condições

de aproximação, com as produções e obras que levem em consideração a questão racial e a matriz africana e afro-brasileira.

Sendo assim, tomaremos como referência a posição afrocentrada, originada da afrocentricidade, uma proposta epistemológica inovadora, que retoma a importância central da história e cultura africana para compreender as condições dos povos africanos e da diáspora. A afrocentricidade (ASSANTE, 2009) percebe os africanos e povos da diáspora como sujeitos e agentes de fenômenos, que atuam sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos. Por conseguinte, defende que não basta apenas que a história e cultura sejam compreendidas e estudadas, é indispensável nesse processo o protagonismo desse povo, para que não se reproduza as condições vivenciadas durante vários séculos, em que toda a produção e conhecimento africano foi orquestrado a partir do ponto de vista e interesses europeus.

EDUCAÇÃO, SAÚDE E CANDOMBLÉ: POSSÍVEIS DIÁLOGOS E RESULTADOS OBTIDOS

Levando em consideração as categorias que compõem esse trabalho, foi realizado movimento de aproximação com os estudos desenvolvidos na área de educação e saúde, de modo a construir diálogos, que possam contribuir com a nossa pesquisa e situá-la no contexto das produções sobre religiões de matriz africana e educação. Para isso, foi realizado um levantamento no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior - CAPES em abril de 2017, com os seguintes descritores: POVOS DE TERREIRO, CANDOMBLÉ, RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E EDUCAÇÃO EM SAÚDE.

Explica-se, que foi realizado um recorte para área de conhecimento em Educação, uma vez que, pretendemos identificar como o tema de saúde e povos de terreiro, vem sendo trabalhado nas pesquisas em educação. Além disso, por estar vinculado a um programa de Mestrado Profissional em Educação, interessa-nos entender nossa problemática dentro dessa delimitação.

No primeiro momento, a partir do termo povos de terreiro, foram encontrados apenas três trabalhos, ambos direcionamos para a área de gestão socioambiental. Como essas temáticas não se relacionam com o nosso campo de pesquisa, optamos por realizar um novo exame com os termos religiões de matriz africana e candomblé, uma vez que

são outras possibilidades de nomeações atribuídas a população com quem pretende-se construir esse projeto. A partir disso foram encontrados os seguintes resultados:

Tabela 1: Quantidade de trabalhos segundo temática e área de conhecimento

TERMOS PESQUISADOS	TOTAL DE RESULTADOS ENCONTRADOS	TOTAL DE RESULTADOS POR ÁREA DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO
CANDOMBLÉ	586	Educação (48)
		Educação em periferias urbanas (1)
		Ensino (1)
		Planejamento Educacional (1)
POVOS DE TERREIRO	03	-
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA	90	Educação (12)

Fonte: Elaborada pela própria autora a partir de dados extraídos da Plataforma CAPES (2017).

Observamos que a partir do momento que utilizamos o termo CANDOMBLÉ, com filtro por área de conhecimento em educação, encontramos um total de 53 trabalhos, destes, 29 foram realizados a partir do ano de 2000. Registra-se também, que do total, apenas 11 trabalhos foram produzidos na Região Nordeste, sendo 04 no Estado da Bahia. Tal situação, demonstra que mesmo diante de grande quantidade de terreiros existentes no estado¹ e a representação de berço do candomblé nagô (BASTIDE, 2001), marcando sua contribuição para história e cultura dos povos afro-brasileiros na Bahia, essa população ainda encontra pouca representação e participação nas produções acadêmicas e produção de conhecimento. Mesmo que exista um movimento de crescimento da produção a partir do ano de 2015, com 09 trabalhos e no ano de 2016, com quantidade de 08 produções, considera-se limitada a construção teórica em torno dessa temática.

Diante do total de vinte e nove (29) trabalhos com recorte temporal entre os anos de 2000 e 2016, foi realizada busca para localização, sendo encontrados apenas 19 trabalhos disponibilizados na Plataforma Sucupira e outros repositórios. Contudo, quando partimos para leitura individual dos trabalhos, a partir da análise do título,

¹ Só na cidade de Salvador-BA, encontra-se registrados no mapeamento dos terreiros realizado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA a existência de 1155 terreiros. <http://www.terreiros.ceao.ufba.br/mapa/consulta>

palavras-chave, resumo e estrutura organizativa do trabalho, percebemos que apesar de estar inseridos no campo da educação, nenhum deles trata de educação em saúde. Nesse sentido, a proposta de pesquisa que relaciona educação em saúde, povos de terreiro (candomblé) e escola, se apresenta como inovadora, porque propõe uma discussão ainda não produzida em pesquisas anteriores, podendo dessa forma, contribuir com a produção de conhecimento que atenderá as necessidades de articulação entre saúde e educação, assim como contribuir com produção teórica dentro das duas áreas de conhecimento, pois propõe uma relação entre saúde e educação, levando em consideração os povos de terreiro, ao mesmo tempo que estuda as concepções de saúde e cuidados dos povos de terreiro, relacionando com a cosmovisão africana.

Nessa análise, identificamos quatro caminhos de pesquisa desenvolvidos: 1) O estudo do candomblé para compreender os processos de aprendizagem nos terreiros (pedagogia do candomblé) e concepções de conhecimento, de modo a subsidiar práticas educativas de combate a intolerância e racismo; 2) Princípios e Cosmovisão africana envolvida no Candomblé (Relação com a natureza e noção de corpo); 3) A compreensão de integrantes do candomblé e as experiências na relação com o contexto escolar e 4) Experiências de educação escolar construídas tendo como suporte teórico-metodológico a matriz africana, colocando as religiões afro-brasileiras como elemento de um espectro que discute as questões raciais.

CONSIDERAÇÕES DISPARADORAS

Diante do que foi apresentado, percebe-se que ainda são inúmeros os desafios no que diz respeito a produção de conhecimento em educação que leve em consideração a saúde e candomblé. Necessitando ainda, de aprimorando nos processos de pesquisa, para que sejam desenvolvidas teorias que proponham essa relação, pois ela se apresenta como estratégia importante para formulação de teorias africanas e afro-brasileiras que rompam com a hegemonia eurocêntrica da supremacia branca e desenvolvimento de práticas educacionais e de ensino que levem em consideração a população negra.

Acredito que a escassez de trabalhos sobre candomblé no campo de conhecimento da educação ainda reflete processos de intolerância religiosa e silenciamento de comunidades e saberes da população negra, necessitando de avanços e participação de pesquisadores(as) negras, para ampliar e produzir conhecimentos enraizados na cultura e história da população africana e afro-brasileira.

Destaca-se que as considerações produzidas nesse trabalho, são produções de um momento inicial de uma pesquisa intitulada “CUIDADO E SAÚDE NO TERREIRO

BANDALECONGO: Construindo uma proposta de educação em saúde afrocentrada no município do Juazeiro-BA”, desenvolvida no Mestrado Profissional de Educação e Diversidade, na Universidade do Estado da Bahia. Sendo assim, os conhecimentos e análises ainda estão em processo de aprimoramento e complementação.

REFERÊNCIAS

ASSANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: Notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológico inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Articulação Interfederativa. **Temático Saúde da População Negra**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

COSTA, A. **Candomblé e Saúde**. In: MANDARINO, A; GOMBERG, E. Leituras afro-brasileiras: territórios, religiosidades e saúdes. Cristóvão: Editora UFS; EDUFBA, 2009. p. 337-346.

GAMBOA, S. S. **Pesquisa em Educação**: métodos e epistemologias. 2ed. Chapecó: Argos, 2012

MAZAMA, Ama. **A afrocentricidade como um novo paradigma**. IN: NASCIMENTO, E. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológico inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 111-128.

MORETTI, C; ADAMS, T. **Pesquisa Participativa e Educação Popular**: epistemologias do sul. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 447-463, maio/ago. 2011.

NASCIMENTO, E. **O olhar afrocentrado**: Uma introdução a uma abordagem polêmica. In. NASCIMENTO, E. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológico inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p.181-196

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte**: Pàdê, àsèsÉ e o culto Égun na Bahia; traduzido pela Universidade Federal da Bahia. Petrópolis, Vozes, 1986.